

HUMOR: ALGUNS MECANISMOS LINGÜÍSTICOS¹

Célia Maria Carcagnolo GIL²

- RESUMO: Quer-se pôr em evidência algumas possibilidades que a língua oferece para a produção do humor. Uma das principais características do texto-piada é a sua estruturação, marcada pela oposição entre os elementos antecedente x conseqüente, oposição essa que se resolve por meio de um mediador, cujas bases distribuem-se pelos níveis fonético-fonológico, morfossintático e semântico.
- PALAVRAS-CHAVE: Discurso humorístico; piada; mecanismos lingüísticos, produção do humor.

A anedota ou piada é um texto que se relaciona direta e necessariamente com o riso. Trata-se de descobrir o conjunto de propriedades lingüísticas que estão presentes em todos os textos percebidos como humorísticos e que tornam humorísticos todos os textos que as utilizam. Esse conjunto de propriedades deve constituir a condição necessária e suficiente para que um texto seja considerado uma piada. Como as piadas são engraçadas pelo que querem significar em dado contexto, ressalta-se o fato de que o seu significado vai além das expressões lingüísticas que as compõem.

Assim, somente os fatores lingüísticos não explicam o cômico das piadas, há que inseri-los no contexto mais amplo da enunciação, entendida como ato de produção do enunciado. Numa comunidade de fala, os indivíduos compartilham de um mesmo repertório e podem se utilizar de diversas variações lingüísticas numa mesma situação. No caso das piadas, o humor se dá quando se quebram regras preestabelecidas, quando se transgridem as normas lingüísticas e sociais.

A piada revela-se um texto com especificidades tais que a tornam um terreno fértil de produção e reprodução do humor. Porém, o estudo do texto apenas nos limites do próprio texto desconsidera a riqueza e as determinações do extralingüístico. Em contraposição, somente uma teoria sociocultural da ação também não dá conta da prática discursiva e exclui da linguagem o fundamental, isto é, a intencionalidade. As condições de produção da piada não se resumem a simples relações entre parceiros

1 O presente trabalho fundamenta-se na nossa tese de doutoramento intitulada *A linguagem da surpresa: Uma proposta para o estudo da piada*, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1991.

2 Departamento de Educação – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800-000 – Assis – SP.

sociais, nem se esgotam nas regras que regulam a fala dos sujeitos, mas implicam o suporte de suas representações e atitudes.

Entretanto, deixaremos de lado – e isso não quer dizer que os desprezaremos – os elementos do contexto sócio-histórico-cultural, para nos deter nos mecanismos especificamente lingüísticos, que se distribuem nos níveis fonético-fonológicos, morfossintáticos e semânticos. Daremos relevo, pois, à questão: “o que é, lingüisticamente falando, que desencadeia o humor e deflagra o riso?”.

O específico da piada se expressa quando constatamos que ela se compõe de um antecedente, de um conseqüente e de um elemento mediador. É este mediador ou gatilho que opera a passagem de um campo a outro, podendo assumir diversas formas, de acordo com o mecanismo utilizado pelo texto, para produzir a oposição necessária e dialética entre os dois componentes estruturais da piada.

Para exemplificar alguns mecanismos que operam no nível fonético-fonológico, consideremos as piadas números 1 e 2, que mostram a onomatopéia e a rima, respectivamente.

Piada número 1

Na velha cidadezinha do oeste, entra de repente o pele-vermelha.
Atravessa a pacata cidade e se dirige para a casa do juiz:
– Senhor Juiz, índio precisa falar com chefe cara-pálida.
– Pois não. O que o senhor deseja?
– Índio quer mudar de nome
– Não tem problema. Como é que índio se chama?
– Índio chama Grande – Locomotiva – que – Apita – seu – Longo – Apito – na – Curva –
da – Estrada – sob – a Luz – da – Manhã!
– É... – diz o juiz Realmente é um nome muito grande. E como é que você quer se chamar?
E o índio:
– Pmmmmmmmm!

Neste caso a onomatopéia é o processo que opera a passagem do *frame* (Beaugrande & Dressler, 1981) da cultura indígena, primeira proposição, para o *frame* da cultura moderna, segunda proposição. O nome de um referente é substituído pelo som que ele produz. Esse mecanismo é muito usado na linguagem infantil. No texto, há uma onomatopéia, que ocorre quando a personagem quer substituir o nome que possui, referente ao trem em determinada situação, por um nome que reproduz o seu ruído naquele momento. A surpresa se encontra não só na evocação da onomatopéia, como também na passagem para o *frame* da cultura moderna, ou seja, para a mentalidade do índio tido por muitos como infantil.

Piada número 2

Ninguém agüentava o Zé da Rima. Ele tinha a única loja da cidade e não tinha jeito. O negócio era comprar lá. Um dia chegou um forasteiro, foi lá fazer compra:

- Bom dia!
- E o Ze
- Como vai Vossa Senhora?
- O senhor tem gravatas?
- Bonitas e baratas!
- E chapéu?
- Azul da cor do céu
- Tem camisas?
- Das listradas e das lisas
- Como é o nome do senhor?
- Ze Maria Claudionor
- Hummm pena o senhor não se chamar Lacerda!

A rima como repetição de fonemas finais dos vocábulos é um recurso comum do uso poético. Na linguagem prosaica de todo dia, no entanto, é evidente que acaba por ser vista como um recurso enfadonho, que pode cair no ridículo. A rima provoca a passagem do *script* (Beaugrande, & Dressler, 1981) de comprador educado para o *script* de comprador malcnado. É o que o texto nos diz com a sugestão em rima da expressão “mandá-lo à merda”. Da situação incomum e do desfecho sugerido, brota, em expressão fonética, o cômico do texto.

Baseados nos exemplos citados constatamos que a fonética favorece significativamente a passagem de um campo da primeira proposição para o campo da segunda, especialmente através da onomatopéia e de certos sons que exprimem o pensamento com tanta expressividade e clareza, dispensando formas mais amplas de verbalização. Em muitas piadas há necessidade de se utilizar desses sons para se provocar o riso. Também a rima, ou apenas a suposição dela, torna-se de grande eficácia como elemento mediador dentro da fonética.

A forma, em algumas piadas, é especificamente a causa do humor (caso da piada número 3). A passagem do campo da primeira proposição para o campo da segunda tem base também no arranjo sintático, ou morfossintático de palavras. Podemos tomar como exemplo, dentro deste item, as estruturas que revelam figuras como a comparação, a intensificação e a inversão sintática.

Consideremos a piada número 3, que ilustra a comparação.

Piada número 3

Dizem que
 Dos 15 aos 20 anos, a mulher é como a África: meio virgem, meio explorada
 Dos 20 aos 30, ela é como a Ásia: cheia de mistérios
 Dos 30 aos 40, ela é como a América do Norte: eficiente e cooperadora
 Dos 40 aos 50, ela é como a Europa: meio cansada, mas ainda aproveitável
 Depois dos 50, ela é como a Oceania: todo mundo sabe onde é que fica, mas ninguém vai lá.

A comparação permite a passagem entre as características comuns a dois elementos comparados para destaque de alguns pontos e depreciação de outros. A

comparação, figura muito utilizada como fonte de expressividade, provoca o humor porque dá maior realismo ao fato e porque facilita ao receptor o entendimento daquilo que se quer definir.

A comparação é a ligação entre dois termos objetos por traço sêmico comum. Na piada número 3 é a mulher em determinada faixa etária e cada um dos cinco continentes. A relação comparativa, no caso, poderia colocar essa piada no conjunto daquelas que retiram seu aspecto humorístico da explicação semântica.

Encontramos alguns textos que demonstram o emprego de processos enfáticos. Veja-se, por exemplo, a intensificação, nesta piada:

Piada número 4

Era tão gaga, mas tão gaga, que no primeiro dia que ela disse ao namorado que não nã nã não era o ti ti ti ti tipo de mo mo mo moça que que que e e e ele es es es estava pen pen pen pensando que e e e ela era... ela já era!

Vale destacar que neste texto há reprodução em discurso indireto do discurso direto, cuja duração pela gagueira permite a conclusão narrativa final. Esta piada é organizada sobre uma estrutura sintática de uma oração correlativa com subordinada consecutiva, com base no esquema “tão gaga que...” Declara-se a intensidade da gagueira, com determinação do advérbio *tão* no adjetivo *gaga*; confirma-se graficamente essa gagueira, com a repetição de sílabas da fala da moça, num processo de demora, ou melhor, de valor aspectual de duração, que dá por conseqüência na estrutura básica a mudança de sentido do predicado nominal final. Colaboram então para o cômico a intensidade, a duração e a conseqüente mudança de sentido.

De início, o verbo de ligação “era” refere-se à gagueira da moça como um estado permanente. Posteriormente, o mesmo verbo passa a designar a mudança de estado de uma moça virgem para não-virgem.

Piada número 5

- A mocinha entra correndo pela casa, aos prantos:
- Mamãe, mamãe... aconteceu uma coisa horrível.
 - Que foi, minha filha?
 - Um tarado, mamãe. Um tarado me pegou.
 - Não, minha filha. Não. Quando foi isto?
 - Anteontem, ontem e hoje.

Nesta piada há um valor aspectual que dá a idéia de frequência ou duração do implícito ato sexual, decorrente da especificação pelos três advérbios de tempo do momento de sua realização. A comicidade reside, portanto, na eliminação da idéia do ato instantâneo, pontual, que, se supõe, caracterizaria a agressão de um tarado, chegando obviamente à idéia da convivência da mocinha.

A repetição de fatos lingüísticos constitui fonte importante de humor. Ela sugere, pela frequência, a constância de determinada idéia. Mesmo não sendo a causa direta do riso, permite o aparecimento da gradação que, por sua vez, cria o ambiente necessário para que a anedota se concretize. No caso da piada número 5, embora o valor aspectual melhor a classifique entre os mecanismos semânticos, a intensidade fica implícita pela sequência temporal lógica de três advérbios de tempo, que sugerem também a idéia de continuidade. Essa junção de advérbios amplia o tempo no qual se repetem as ações.

O processo de inversão sintática encontra-se em piadas do tipo:

Piada número 6

Na farmácia:

– Quero um remédio pra lombrigas.

– Pois não. Do que é que elas sofrem?

O humor se fundamenta na ambigüidade da expressão “pra lombrigas”, que se pode entender em estrutura fundamental “pra lombrigas tomarem” ou “pra matar lombrigas”. A resposta chega a entendimento diverso, em decorrência da inversão sintática do substantivo lombrigas, da função de objeto para sujeito, e em decorrência da elipse dos verbos matar e fortificar.

Piada número 7

O ótimo brotinho foi fazer prova em segunda época. Estudara pouquíssimo e a única chance que tinha é que ela era muito, mas muito boa mesmo.

No dia seguinte se encontra com sua melhor amiga:

– Como é? Deu pra passar?

E ela:

– Deil!

A história joga com duas expressões idênticas na forma, mas diversas no sentido: *deu para passar*, como perífrase, isto é, significando “foi possível passar”, e *deu (algo) para passar*, em que o segundo verbo forma, especificando circunstância de finalidade, oração diversa da primeira, na qual o objeto direto está elidido. A primeira construção é impessoal só aparecendo com a forma verbal correspondente à terceira pessoa; a segunda é pessoal, flexionando-se em quaisquer pessoas do discurso. Portanto, no caso, com o recurso morfossintático de flexão *deu/dei*, a piada joga com o sentido da perífrase na pergunta, para obter o entendimento da segunda expressão na resposta, provocando o humor, inclusive com a malícia que o próprio verbo *dar* envolve.

Trata-se, no caso das duas piadas acima, de inversão sintática, porque pudemos observar que se lançou mão da troca de um termo da oração por outro. Na primeira piada, o substantivo “lombriga” passa de objeto direto a sujeito e, na segunda, ocorre uma comutação mórfica, fazendo que o verbo “dar” de impessoal passe a pessoal. O

efeito expressivo desse recurso facilita a inversão de pensamento, causa direta de equívocos, os quais, por sua vez, motivam o riso.

Os mecanismos semânticos mais recorrentes são a homonímia e a polissemia, fontes da ambiguidade, traço fundamental da maioria das piadas analisadas. Incluímos aqui também a significação imprópria de certas palavras, que, empregadas indevidamente, prestam-se a provocar a oposição e conseqüentemente o riso.

Para mostrar como a homonímia e a polissemia podem servir de instrumento de mediação, tomemos as piadas números 8 e 9, respectivamente.

Piada número 8

Placas na estrada antes de se chegar ao fim do caminho. Primeiro vem Jundiaí, terra da uva. Depois, Valinhos, terra do figo. Na entrada de Jundiaí: "Coma uva!" Na entrada de Valinhos: "Coma figo!" Depois: "Coma noz"

Ocorre na piada acima homonímia homófona entre o pronome pessoal de primeira pessoa do plural *nós* e o nome da fruta de natal *noz*. É claro que o efeito cômico da piada conta com a malícia tradicional de insistir sobre a pederastia da região de Campinas, com o sentido específico para a área sexual do verbo comer no terceiro sintagma, e com inversão sintática do pronome pessoal *nós*, que, habitualmente sujeito da frase, aí aparece como objeto direto, em consonância com o uso popular.

Piada número 9

E aquele velho discurso do político sabido que já fez o maior sucesso por esse Brasil afora?
– Eu falo pra vocês todos, meus eleitores. Para a mulher, para os velhos, para a mulher solteira e a viúva. Para o jovem e para todo mundo que, como eu, vive em busca da paz. Ah, a paz! Vocês sabem, todos vocês aqui reunidos, que a paz é o sonho de todos nós. Por isso devo destacar seis pontos fundamentais para a paz de todos nós

- 1 A pomba é o passarinho da paz!
- 2 A mulher é a paz do passarinho!
- 3 O velho é o passarinho em paz!
- 4 A solteira não conhece a paz. Nem o passarinho!
- 5 A viúva não vive em paz sem o passarinho!
- 6 O solteiro não deixa o passarinho em paz!

Como se pode observar, o texto tira a sua comicidade do valor polissêmico de "passarinho" e "paz", a partir dos sentidos literais para os sentidos metafóricos, que evocam a malícia. Esse jogo de palavras polissêmicas em muito favorece o humor, seja como produto de identidade de significantes (homonímia), seja como resultado de diversidade de significados (polissemia). É um recurso muito produtivo no humor, dada a ambiguidade que permite mais de uma direção argumentativa. Havendo sentidos diferentes da mesma palavra, os interlocutores podem atualizar um ou outro e facilmente chegar ao efeito cômico.

Vejamos como os textos abaixo trabalham o sentido impreciso das palavras:

Piada número 10

Português matou a mulher. Aí, o juiz perguntou:

- Por que foi que o senhor matou sua mulher?
- Opá, matei a mulher porque eu não queria que ela fosse cantar no rádio.
- Mas ela foi cantar com pseudônimo – disse o juiz.
- Pois então – falou o português. – Matei ela e o pseudônimo!

A impropriedade, é óbvio, está no uso do termo *pseudônimo*, que significa “nome falso”. Aparecendo na expressão do português, como complemento do verbo *matar*, que no geral pede objeto animado, a comicidade acaba por se fixar na sugestão do entendimento de que se tratava de outro companheiro da mulher. A passagem do *script* de cantora de rádio para o de esposa adúltera se opera pelo emprego de uma palavra imprópria.

Piada número 11

A mulher conversava com as amigas na sala e falava sobre o marido:

– Ele é muito bom, me trata muito bem, não deixa faltar nada em casa. A única coisa que me desagrada nele é que ele é sifilítico.

As amigas ficaram assustadíssimas, mas nesse exato momento o marido bota a cara para fora do quarto e berra lá pra sala:

– Filatélico, mulher. Filatélico!

Também se trata de impropriedade decorrente da etimologia popular, isto é, o uso de uma palavra por outra com a qual a primeira tem alguma semelhança fonética. Observe-se, no caso, entre as duas palavras, a semelhança das sílabas fonéticas grifadas:

sifilítico / *filatélico*

Ambas apresentam o mesmo número de sílabas; têm a sílaba acentuada na mesma posição; trazem o mesmo grupo de sons *ico* na terminação e jogam com as consoantes *f*, *l*, *t* e *c* [*k*]. O humor nos dois exemplos acima desencadeia-se pelo fato de o significado das palavras ser impreciso ou desconhecido. O cômico se dá porque a pessoa emprega uma palavra por outra, ou por desconhecer o significado da palavra ou por achá-la bonita, sonora, utilizando-se dela em quaisquer contextos.

A pressuposição aparece amplamente nos textos humorísticos. As piadas número 7 (brotinho que foi fazer prova) e número 12, que segue, servem para exemplificar o fenômeno da pressuposição:

Piada número 12

Tava a mocinha vomitando no meio da rua, amparada pela mãe.

Passa um senhor muito delicado:

– Foi comida, não foi?

– Foi sim senhor – respondeu a mãe, mas vai casar!

Ocorre, no caso, equívoco de palavras homônimas para provocar inversão de significados e, conseqüentemente, o riso. O termo *comida*, na pergunta do “senhor delicado” quis referir-se a “alimento ingerido”, mas o entendimento da mãe repousou no particípio do verbo *comer* no sentido vulgar de “possuir fisicamente” que, na sua opinião, deixou à mostra a condição moral da jovem. A pressuposição instaura-se aí, em decorrência do fato lingüístico.

Tendo em vista as análises que acabamos de fazer, constatamos que há numerosos fatores lingüísticos atuando no processo de construção das piadas e se relacionando de diferentes modos com o humor. Os mecanismos lingüísticos (onomatopéia, rima, comparação, intensificação, inversão sintática, homonímia, polissemia, impropriedade), ora examinados, constituem-se em elementos que desencadeiam o humor e, conseqüentemente, o riso. Claro está que esses processos lingüísticos compõem apenas uma lista parcial, porém representativa, dos estudos que estamos realizando. Pretendemos, em um trabalho futuro, ampliar estas análises. Como lembramos no início, a piada precisa ser estudada também e necessariamente nas suas relações com o pensamento e com os conteúdos sociais, culturais e psicológicos.

GIL, C.M.C. Humour: some linguistic mechanisms. *Alfa (São Paulo)*, v. 39, p.111-119, 1995.

- **ABSTRACT:** *It is intended to shed some light on some of the possibilities offered by the language for the production of humour. One of the main features of a joke-text is its structure, which is marked by the opposition between the antecedent X consequent elements. This opposition is solved by means of a mediator whose bases are distributed throughout the phonetic-phonological levels and the morpho-syntactical and semantic levels.*
- **KEYWORDS:** *Humour discourse; joke; linguistic mechanisms; production of humour.*

Referências bibliográficas

- 1 BEAUGRANDE, R. de, DRESSLER, W. U. *Introduction to Textlinguistics*. London: Longman, 1981.

- 2 GIL, C. M. C. *A linguagem da surpresa: uma proposta para o estudo da piada*. São Paulo, 1991. Tese (Doutoramento em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Bibliografia consultada

- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
ILARI, R., GERALDI, J. W. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1985.
KOCH, I. V., TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
MARCUSCHI, L. A. *Linguística do texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.